

À LA CARTE
Vera Ribeiro de Carvalho
(você poderá ver a explicação desse título [clcando aqui](#))
Essa primeira coluna do “clique aqui” saiu neste site em 21/08/2009

E LÁ SE FOI ANO!...



Um ano se passou... exatamente amanhã, dia 12, ele se foi... (a diferença é que era um sábado) e tenho certeza de que não foi esquecido, principalmente por sua família e seus ex-alunos!

Como ainda hoje encontro pessoas que não acompanharam como tudo aconteceu e me perguntam, republico esta coluna postada no dia 05/03/2022, logo após outras duas em homenagem a ele. Esta também é uma forma de culto à sua memória...

Como estou hoje... bom... é uma ficha que “custa a cair”... Fico muito só aqui em casa, então, ainda ouço sua voz... vejo seu vulto em vários cantos da casa... a saudade às vezes aperta demais, mas... nada posso fazer! Vida que segue, plena de recordações, afinal, “o lado bom da saudade é que ela nos faz reviver momentos que passamos ao lado de pessoas especiais.”

Como daquela vez, hoje também deixo de colocar as outras partes da coluna. No final, coloco um adendo com fotos.

Saudades doídas, Mestre!

COMO ACONTECEU? COMO VOCÊ ESTÁ, PROFESSORA?...



Essas são as duas perguntas que mais tenho ouvido nos últimos 21 dias... Essa preocupação das pessoas ainda me comove, assim como a infinidade de mensagens lindas recebidas. Houve uma postagem em que só nela havia mais de 400 comentários!!

Como a última das homenagens a que me propus fazer diante do fato cruel (esta eu não queria mesmo estar fazendo!), a coluna de hoje responderá a essas questões.

No final do ano passado, estivemos em Umuarama. Eu, para fazer as consultas de rotina que não fazia desde que eclodiu a pandemia; ele, para uma consulta a um oftalmologista, já que nosso sobrinho oftalmo estava em viagem. Essa consulta dele revelou um problema sério no olho, que deveria ser tratado com urgência. Logo depois veio essa última onda de Covid, e de novo ele teve que adiar a consulta.

Nesse tempo todo houve o contato com o sobrinho oftalmo, que hoje mora em Olímpia, SP. Como é um profissional excelente, gabaritado, ele queria ouvir a opinião desse sobrinho, com que sempre se tratava. Finalmente deu certo.



Nosso sobrinho, Dr. Guilherme Küll – Foto de 2015

No dia 10 de fevereiro eles foram a Olímpia: ele, seu grande amigo Edson Scuire, a sobrinha de uma pessoa a quem ele sempre presta seus serviços de motorista e o filho dela. Era para voltarem no sábado. Quando o Wanderley foi separar os remédios para a viagem, aconselhei que levasse até domingo, porque duvidava que nosso sobrinho não os seguraria lá, festeiro e hospitaleiro que é.

Mas... enganei-me! Ao chegar, souberam que um dos filhos do sobrinho estava com Covid. Nosso sobrinho mora numa espécie de sítio – se é que posso chamar assim – e há várias casas naquele espaço. O filho estava isolado em uma delas. Mas a doença foi motivo suficiente para eles decidirem voltar logo. Na sexta, 11, foi feita a consulta e um procedimento no olho, pela manhã. À tarde tiveram que ir a uma cidade próxima, Mirassol, pois a aparelhagem necessária para o atendimento da sobrinha estava lá (nosso sobrinho atende em vários lugares, incluindo Santa Catarina). Após a consulta, vieram embora. Observem: foi um “bate-volta” com uma pessoa de 80 anos... mas ele mesmo preferiu assim.

Conta o Edson que meu marido reclamou que não estava legal... que o olho incomodava. Mas logo parou de reclamar. Chegando a Maringá, de novo reclamou que não estava bem. Estavam no Catuaí. O Edson perguntou se ele não queria que chamasse o Rogério, nosso filho que mora lá (eu já havia perguntado por whats se ele iria ver as “crianças”, mas ele respondeu, literalmente: “Não, não estou enxergando muito bem, estou louco pra chegar em casa. A bateria está acabando novamente.” (Foi seu último texto no whats para mim...)). O Edson perguntou se queria que o levasse a um Pronto Socorro... a um médico. A tudo ele disse “não”.

Quando chegaram aqui, o amigo “motorista” disse que ficaria esperando que ele entrasse (não foram com o carro do Wanderley) para só então ir embora. Eu estava no sofá da sala. Ouvi um barulhinho no portão, mas nada acontecia... Achei que eu me enganara. Mas dali a pouco vejo o vulto dele passando rapidinho com duas sacolinhas de mercado (frutas que ele comprara no Catuaí), entrando direto para a



cozinha, para depositá-las lá. Só então chegou à porta de onde eu estava, branco feito um papel, dizendo: “Não estou bem!”. Levantei rápido, perguntei o que ele queria que eu fizesse. “Quer ir ao Pronto Socorro? Quer que chame o Eduardo? (Dr. Eduardo, do Santa Maria, amigo nosso desde velhos tempos e nosso médico). “Não. Só me dê um Dorflex, porque é só uma dor no corpo. Dei. Já era perto da meia-noite. Ele disse que ia dormir. Eu disse: “Eu, se fosse você, tomaria um banho” (costume que ele tinha mesmo, antes de dormir). Ele respondeu que iria, sim. Dei um tempinho e fui lá checar se estava tudo bem. Luz do banheiro apagada... luz do quarto apagada... a porta fechada... barulhinho de ar condicionado. A suposição era óbvia: ele já havia tomado banho e já estava dormindo.

No dia seguinte eu, como de costume, acordei tarde. Ele estava “de boa”. Parecia outra pessoa. Já tomara seu café, já tinha checado seu celular (gostava e ver e assistir a tudo que mandavam!)... já estava “por ali”, deitado no sofá de fora. Já havia conversado por whats com o amigo Edson, que perguntara:

“Bom dia Sr, vc melhorou, mediu pressão, diabetes? Ontem penso que vc teve problema com a pressão ou a diabetes...Abraço, bom final de semana.” Ao que ele respondeu:

“Pressão 12/8 e diabetes 104 tudo legal obrigado, foi veitaria mesmo, cansaço de viajar no bate e volta, mas vou consultar um médico, obrigado, abs”

E o Edson: “Isso mesmo já passou da hora de vc ter um acompanhamento de um ESPECIALISTA.”

Bem que ele me dissera no almoço que ele iria a um médico especialista. Quando perguntei “em quê”, ele brincou: “Em véio!”...

Esquentei as coisas do almoço, que minha funcionária deixara pronto para o sábado. Tudo pronto, chamei-o. Ele nunca vinha “de primeira”... Mania! rrsrs! Chamei-o novamente, ele foi. Almoçou “de boa”... fez piadinhas (senão, não seria ele... rrsrs!) e me contou: “Nem te conto: ontem fui tomar banho... Entrei no quarto, resolvi ligar o ar. Olhei para a cama e falei: Hummm... vou deitar “só um pouquinho”. Acordei eram umas três da manhã!”

Era aniversário de nossa filha... ela, que estava fazendo um curso, entrara em contato comigo não me lembro por qual motivo, e ele, enciumado como sempre, logo reclamou: “Nossa! Mas será que ela nem viu minha mensagem de aniversário no grupo??”. Eu havia postado uma mensagem toda elaborada, e ele, na sua simplicidade, escrevera, logo depois de mim: “Como eu sou antigo, coloco coisas antigas, mas o sentimento é sempre atual: “HOJE TE AMO MAIS QUE ONTEM E MENOS QUE AMANHÃ , beijos, o Weyo.”

Disfarçadamente pedi a ela que agradecesse a ele... e, GRAÇAS A DEUS, ela fez um áudio lindo! Ele interrompeu um pouco o almoço para ouvir e ficou todo comovido!

Então eu terminei primeiro de comer (coisa não muito comum) e fui tirando as travessas vazias e lavando. Ele continuou comendo, então eu disse: Seu prato você lava, né?”- ao que ele respondeu:”Claro! Deixa comigo!”.

Foram suas últimas palavras (pelo menos, tudo indicaria depois que sim).

Como de costume, ele foi tirar uma soneca no sofá de fora (na área) e eu, no sofá de dentro (na sala de TV). TV desligada. Eu, no “lusco-fusco”, percebi quando ele entrou e pegou o ventilador que estava perto de mim (desligado, porque não sou fã de ventos) e levou lá pra fora, ligando em direção a ele. Sempre senti muito calor (como o resto da família – menos eu...). Deviam ser umas 14 e pouco... 15, por aí. Acho que ambos “desligamos” um tempinho. Na verdade, eu tiro uma soneca todos os dias após o almoço, mas é sempre aquele “dormindo-acordada” – salvo raras exceções. Naquele sábado não foi diferente.

Por volta das 15 e pouco, levantei e fui beber água. Aqui em casa, para se chegar à cozinha, temos dois caminhos: ir pela área de fora, onde ele estava, ou ir pela copa, por dentro. Fui pela copa, para não incomodá-lo... mas, mal cheguei à porta, já vi aquele corpo caído, metade para dentro da cozinha, metade para fora. Corri... chacoalhei-o... chamei-o... “Fale comigo!”. Nada. Coloquei a mão na aorta... nada. Nos pulsos... nada! E agora? Faça o quê??”.

Liguei para o filho. Não atendeu. Liguei para a nora. Não atendeu. Liguei para o Edson. Não atendeu. Liguei, então, para o Dr. Eduardo, contando que tinha certeza de que não havia mais jeito, e ele, prontamente falou: “Fique calma! Já vou ligar para o SAMU”. Nesse meio tempo o filho atendeu. Dali a pouco chegou. Uma cena indescritível que não vou conseguir narrar. Dali a mais um pouco chegou o SAMU.

Ali comecei a sentir na pele o que verdadeiramente é a burocracia deste país. Após feitos os exames e constatada a morte, a moça começou a explicar o caminho a seguir: que teriam que ligar para Umuarama... que o médico tinha que autorizar não sei o quê... que teria que levar o corpo não sei onde... depois para outro não sei onde... Eu a interrompi, perguntando se não havia um meio mais simples de fazer as coisas... que eu não estava disposta a sair com o corpo para aqui e ali. Foi quando ela disse: “Se o seu marido tinha o médico dele... que o acompanhava... ele poderia dar o atestado, aí tudo bem...”.

Claro que tornei a pedir socorro para o Eduardo. Ele sabia que nós desconfiávamos de que meu marido poderia morrer de infarto. Ele me falara algumas vezes que a vida sedentária que ele estava levando nos últimos tempos poderia levar a isso. Explicou que, não sendo morte violenta, não precisaria do IML e que ele, constatando o óbito, daria o atestado. Assim foi feito.

Antes, tínhamos que esperar o PRESTAR. O Eduardo falou para mandar meu filho lá no hospital para ver os documentos necessários com o pessoal.

Não me lembro agora com clareza de quando... mas houve um momento em que fiquei sozinha com ele, já deitado no mesmo sofá – em que o pessoal do SAMU o pusera – olhando-o meio desarvorada... suplicando “Fale comigo!”... agradando-lhe os cabelos branquinhos e ralos... Foi aí que o Edson deu retorno. Conteí. Dali a pouco ele chegou. Logo depois chegou o sogro do meu filho – ex-aluno do Wanderley. Chorava muito! (não sei bem se a ordem das coisas foi essa. Impossível lembrar detalhes...).

Então veio o PRESTAR... e, depois disso, a próxima vez em que vi meu marido já foi na Câmara. Minha funcionária, que avisei por telefone, chegou, estarecida... meio abobada... Gostava muito dele! Ajudou-me a escolher a roupa... veio com uma camisa de manga comprida. Eu disse “Nunca! Do jeito que ele morria de calor... nem terno, nem mangas compridas!”. Escolhi uma bermuda e uma camiseta das que ele gostava.

No atestado de óbito consta 17 horas como a hora fatal. Na verdade, ninguém saberia precisar isso. Eu sei que não foi... deviam ser umas 15 e pouquinho... 16... ou antes, porque quem sabe desde quando ele estava ali caído? Eu sei que ele não sofreu. Eu tenho sono leve. Teria ouvido um chamado dele. Teria ouvido se houvesse um baque. A impressão que passou, pela forma como ele estava ali, é que ele foi apagando e deslizando, segurando nos batentes da porta. Não havia uma marca sequer de batida. Eu acho que foi perto das 16, porque era a horinha em que ele sempre ia fazer um lanche: comer uma fruta, preparar um iogurte com alguma fruta... levantou para ir à cozinha e não conseguiu chegar.

Vocês podem estar estranhando a forma como estou fazendo este relato... É porque eu o fiz inúmeras vezes no velório, para cada pessoa que perguntava “como fora” o acontecido. Só aí fui entender uma coisa que me intrigava sempre: por que as pessoas que perdiam alguém ficavam repetindo mil vezes a mesma coisa o tempo todo. Eu nunca havia parado para refletir sobre isso... mas hoje eu tenho certeza de que é uma forma de expurgo... falar e falar até para nos convencermos de que aquilo é mesmo verdade... de que realmente aconteceu e não tem volta!

Fiquei acordada mais de 24 horas. Houve um momento em que vim para casa (da 14h, mais ou menos, até às 15, por aí), na tentativa de dormir um pouco... Quem disse? Assim como quando jogamos algum joguinho no celular, e depois as figurinhas ficam rodando na nossa cabeça, eu ficava sentindo as pessoas me abraçando... contando as histórias com o professor querido (e como tinham histórias! Cada um tinha a sua particular...), me desejando força... desfilando em minha lembrança como um turbilhão.

Vê-lo descer à campa... o pessoal jogando cimento... ouvir as palavras do amigo Chico, que de pronto aceitou quando lhe pedimos, pois ninguém d família estava com condições de falar... apertava meu coração. Bem ali naquele lugar será também o meu destino final. Já vamos preparar para isso!

Neste ponto, chegamos à segunda das perguntas do título...

Como eu estou?

Bom... este relato fiz a alguns amigos do face e whats... aproveito algumas palavras dele, agora...

Eu não sou de dar espetáculos públicos escandalosos de seja lá o que for. Então fiquei firme... mais de 24h. sem dormir, como eu disse. À noite, após o enterro, finalmente, sozinha comigo mesma no banheiro, chorei como se não houvesse amanhã. Minha filha e o filho de Maringá estavam dormindo. O resto do

pessoal de lá tinha compromissos... já tinham ido embora. O meu filho Rodrigo havia me dado um chazinho calmante, dormi feito uma pedra até umas 4... 5 da manhã. Acordei outra pessoa, sentindo como se ele tivesse estado ali comigo, dizendo "Fique firme, boba! Coragem! Fui eu que quis ir. Estava cansado desta vida de prisão. Estou bem agora". E desde então me acalmei... Sabia que isso era verdade. Cansei de vê-lo inconformado de só poder sair para Bancos e Supermercados. Uma pessoa acostumada a viajar a cada dois, três meses... Uma pessoa que amava gente... amava jogar conversa fora... Acho que ia aos mercados mais para encontrar pessoas e conversar com elas – tamanho foi o número delas que me relataram tê-lo encontrado lá... Hoje consigo olhar para as coisas dele e pensar no fato com serenidade... coisa que não consegui quando entrei em casa após o enterro. Ver o porta remédios preparado até no domingo e ver os do sábado pela metade... fez meu coração doer demais! Então, agora... o tempo irá se encarregando de fazer a parte dele. É o que REALMENTE espero...

Por enquanto, a burocracia tem tomado meu tempo. Não são poucos os papéis que tenho tido que preencher no computador. O duro mesmo é quando chegam o sábado e o domingo... estou sempre só “naquele horário”... e a cena volta todinha como se estivesse acontecendo naquele momento...

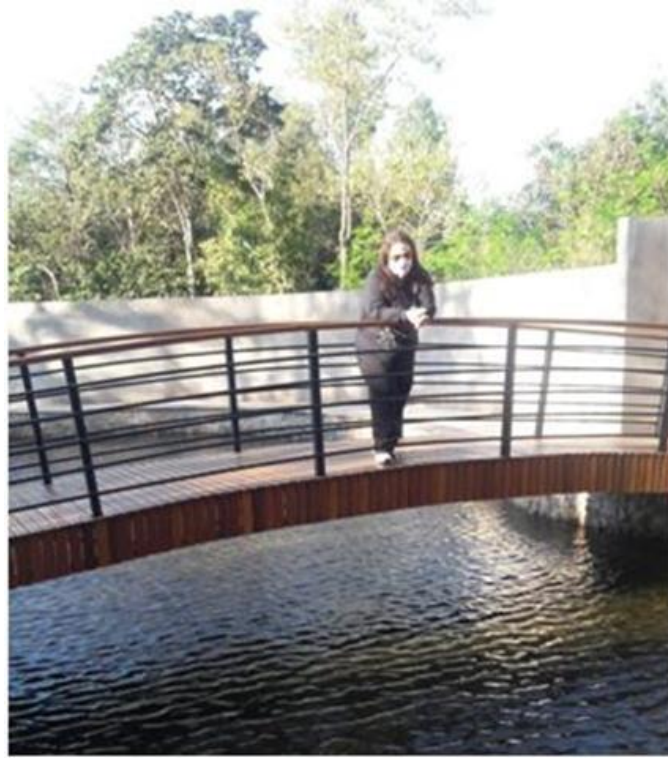
Mas vai passar. TEM QUE passar! Vou parar de ficar ouvindo a voz dele brincando... ou reclamando da “prisão”... ou reclamando que eu só reclamo... Vou parar de ficar lembrando quando... ou quando... ou...

Recordações

Do casal que fomos por 60 anos...



... agora serei só... “eu-comigo”!



Na verdade...





Flashes de uma vida...



Tempos de namoro... (colorida recentemente pelo meu filho Rodrigo)



O noivado – os sogros colocando as alianças



Recebendo-me das mãos de meu pai – 18/01/1969





Viagens de núpcias



Nossa "casinha" em Goiwerê. Que eu me lembre... essa é a única foto que tenho em casa, após as viagens, antes da chegada dos filhos...



E chegam os filhos...



O amigo e conselheiro "babão"



E chegam os netos... (mais "babão" ainda!)

Viagens

É claro que vai apenas o resumo do resumo do resumo dessas viagens... Não tem como colocar toda a realidade. Gramado, por exemplo (para citar só um...): existem inúmeros locais turísticos a serem visitados. Fomos a uma infinidade... e ainda ficamos sem conhecer alguns. Fiz apenas os flashes abaixo. Na sequência, resumos de alguns dos lugares que conhecemos juntos... óbvio que ficaram muitos de fora... e também aqueles em que estávamos só nós dois, e apenas tiramos fotos isoladas um do outro... e também os do "século anterior"!



Piracicaba- SP – 2008



Porto Seguro – 2011







Em algum Natal do passado...



O último Natal – 2021 (que bom que estávamos todos! A Manu, netinha mais nova, estava dormindo lá dentro...). Esse parece ter sido o último registro dele em fotos...



É agora... e para sempre... “eu consigo”!...

“

Mas a saudade é
isto mesmo; é o
passar e
repassar das
memórias
antigas...

